

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>Jornal A Tarde</i>		
Data <i>31/10/93</i>		
Caderno <i>1º</i>	Página <i>5</i>	
Seção		
Assunto <i>João Histórico Pelourinho</i>		

Pelô, o "point" onde há espaço e queixas de todos os tipos

Noite de sábado, clima ameno, convite à farra. O multifacetado Largo do Pelô e adjacências fervilha de gente, as "espécies" mais díspares, cada qual recolhida ao seu reduto. Tem patricinha, mauricinho, tem rastafari, tem perua deslumbrada, tem gringo. Lá transita o pseudo-intelectual, os nem-tanto-assim, o artista, o vagal, o maluco pode ser ou não beleza. Mas vale dizer que os espaços no Pelô estão bem delimitados e não é à toa que geram polêmica. As denúncias dão conta de segregação racial/social.

Em meio a tudo isso, o Pelô se impõe como um espaço onde a festa acontece de domingo a domingo, sem hora para terminar. A história é delicada. Teve início logo após a badalada inauguração da primeira etapa da reforma de 104 sobrados, situados em quatro quarteirões do Centro Histórico e construídos em estilo colonial nos séculos XVII, XVIII e XIX. A inauguração aconteceu em março último e, desde então, a área foi povoada pela classe média alta, interessada em saber o que o Pelô tem e o que pode oferecer.

O resultado dessa repentina invasão é uma dissonância que ecoa e salta aos olhos de quem passeia pelas ruas apertadas e becos enlameados do Pelourinho. A dita gente fina da terra chegou, o cenário mudou naquelas paragens. Restaurantes, bares e pubs chiques passaram a ser frequentados e/ou administrados pelos recém-chegados. A galera do "cravinho" (bebida feita com cachaça, cravo e mel), adepta incondicional do repique do Olo-dum, passou a vivenciar momentos de perplexidade. O terreno antes livre foi estrategicamente loteado e os nativos, denunciavam, ficaram com a mais ínfima parte.

TRANCINHAS X LAQUÊ

Certamente que o Pelô da praça pública 2M não é o mesmo Pelô de parte das ruas Gregório de Mattos e Alfredo Brito. O primeiro está mais para patricinhas, mauricinhos e afins, está para as roupas de grife, para o deslumbramento de quem, pela primeira vez, pode ver de perto o casario colonial, devidamente recuperado, é claro. O segundo abriga o que o genial Caetano Veloso chama de "quase brancos, quase pretos" e pretos, que botam a boca no mundo e protestam: chegaram ali primeiro e, portanto, têm direito de usufruir do "pedaço" com infraestrutura e

Foto: Geraldo Ataíde



Nas ruas João de Deus e Gregório de Mattos a movimentação de turistas tem sido bastante intensa

Reggae tinha clientela homogênea, até cúmplice nos gostos e atitudes. Agora, meu nego, a coisa tá bem diferente! Quem traça o novo quadro é Apolinário. Nas terças da Benção os novos comerciantes fecham os seus estabelecimentos, enquanto o Bar do Reggae se abre inteiro para receber a sua clientela, o que acontece também aos domingos. Agora, às quintas e às sextas-feiras é a vez de gente da classe média aparecer no bar, ainda em número pequeno. Essa frequência, se representa um maior retorno financeiro, também serve para deixar os nativos meio desconfiados.

"No fundo, no fundo, patricinhas, mau-

nália cultural/social que hoje é o Pelourinho. O episódio aconteceu na área externa da Cantina da Lua, em uma noite de sábado, onde ritmos quentes se confundiam. Na cantina tinha seresta, na rua acontecia o ensaio da Levada do Pelô e ainda havia o som mecânico de algum lugar, trazendo MPB.

Pois bem. A pergunta foi feita por um cara maltrapilho, meio bêbado a uma senhora loura-oxigenada, cheia de balan-gandás, roupa justa e sapato alto que tentava se integrar à galera do pedaço. A senhora em questão é nova na área e ficou visivelmente lívida quando abordada por

à carne-de-sol do Restaurante Casa de Engenho.

Todas essas comodidades são muito bemvindas, depois da reforma o Pelô ficou bonito de ver, mas em nível cultural, o local sofreu uma descaracterização, avalia o antropólogo Lívio Sansone, 37 anos, italiano de Palermo, há dois anos morando na Bahia. Professor visitante do CNPq no mestrado em Sociologia da UFBA, Sansone acusa que, com a reforma, o governo simplesmente varreu a comunidade "original" do Pelô. Em substituição, lá colocou um segmento destinado a obter lucro. "O Pelô está se transformando em um espaço

gicamente, ficaram com a mais ínfima parte.

TRANCINHAS X LAQUÊ

Certamente que o Pelô da praça pública 2M não é o mesmo Pelô de parte das ruas Gregório de Mattos e Alfredo Brito. O primeiro está mais para patricinhas, mauricinhos e afins, está para as roupas de grife, para o deslumbramento de quem, pela primeira vez, pode ver de perto o casario colonial, devidamente recuperado, é claro. O segundo abriga o que o genial Caetano Veloso chama de "quase brancos, quase pretos" e pretos, que botam a boca no mundo e protestam: chegaram ali primeiro e, portanto, têm direito de usufruir do "pedaço" sem interferências de quem quer que seja.

— O importante é que quem aqui está chegando agora entenda que o povo do Pelô (aquela parcela que resistiu ao remanejamento e às indenizações feitas pelo governo do estado) é civilizado. O brado 'retumbante' é de um dos donos do Bar do Reggae, Albino Apolinário de Santana, 29 anos, que mostra certo conhecimento de causa nas discordâncias raciais sociais que hoje permeiam o Pelourinho. O Bar do Reggae existe há 15 anos e se notabilizou por servir o cravinho tão apreciado pelos rastas ou não que lá vão se deliciar com o som de Bob Marley, fonte inspiradora de Apolinário.

CADA DIA UM TOM

Antes da reforma do casario, o Bar do

Reggae tinha clientela homogênea, até cúmplice nos gostos e atitudes. Agora, meu nego, a coisa tá bem diferente! Quem traça o novo quadro é Apolinário. Nas terças da Benção os novos comerciantes fecham os seus estabelecimentos, enquanto o Bar do Reggae se abre inteiro para receber a sua clientela, o que acontece também aos domingos. Agora, às quintas e às sextas-feiras é a vez de gente da classe média aparecer no bar, ainda em número pequeno. Essa frequência, se representa um maior retorno financeiro, também serve para deixar os nativos meio desconfiados.

"No fundo, no fundo, patricinhas, mauricinhos e rastafaris se sentem incomodados um na presença do outro", depõe Apolinário de Santana. A afirmação dele pode ser constatada na Praça 2M, — uma espécie do coração cultural/musical do novo Pelô: lá, no último sábado não havia sequer um rastafari para tornar mais eclético o público basicamente composto por "penteadinhos e perfumados". Onde tem laquê e jóias no Pelô é difícil ver trancinhas.

QUER GUINÉ, QUER?

— Minha senhora, você quer guiné, quer? Saiba que essa folha corta qualquer mau olhado, dá sorte, traz dinheiro e felicidade. Tudo isso se paga com CR\$100,00. Talvez essa cena até passasse despercebida se as pessoas envolvidas não pertencessem a mundos tão antagônicos e, por isso mesmo, traduzissem a parafer-

nália cultural/social que hoje é o Pelourinho. O episódio aconteceu na área externa da Cantina da Lua, em uma noite de sábado, onde ritmos quentes se confundiam. Na cantina tinha seresta, na rua acontecia o ensaio da Levada do Pelô e ainda havia o som mecânico de algum lugar, trazendo MPB.

Pois bem. A pergunta foi feita por um cara maltrapilho, meio bêbado a uma senhora loura-oxigenada, cheia de balangandãs, roupa justa e sapato alto que tentava se integrar à galera do pedaço. A senhora em questão é nova na área e ficou visivelmente lívida quando abordada por pessoa tão mal cuidada. Tentou disfarçar, mas não deu. Levantou da mesa e com ares de ofendida, foi-se. Bateu em retirada para procurar, ligeirinho, o seu reduto. Será que vai ser sempre assim?

UMA QUESTÃO DE "VERDINHAS"

É óbvio que a reforma do Centro Histórico — agora dotado de arrojada infraestrutura — deve agradar em cheio as levadas de turistas (entre visitantes de outros estados e estrangeiros) que agora conta com serviço de classe A em restaurantes, bares, pubs, boutiques, ateliês, lojas de artesanatos, roupas e uma infinidade de produtos agradáveis aos cinco sentidos. Não há como resistir, por exemplo, à comida do restaurante Tempero da Dadá, ao drinque servido na Cachaçaria Alambique ou

à carne-de-sol do Restaurante Casa de Engenho.

Todas essas comodidades são muito bemvindas, depois da reforma o Pelô ficou bonito de ver, mas em nível cultural, o local sofreu uma descaracterização, avalia o antropólogo Lívio Sansone, 37 anos, italiano de Palermo, há dois anos morando na Bahia. Professor visitante do CNPq no mestrado em Sociologia da UFBA., Sansone acusa que, com a reforma, o governo simplesmente varreu a comunidade "original" do Pelô. Em substituição, lá colocou um segmento destinado a obter lucro. "O Pelô está se transformando em um grande shopping a céu aberto", avalia.

Enquanto a antropólogo faz essa consideração, o dono do Restaurante Casa de Engenho, Armando de Castro Oliveira, 37 anos, instalado na Rua Alfredo Brito, 25, desde junho, diz que fez investimento alto no restaurante e, portanto, envia esforços para conseguir o retorno financeiro. Se orgulha de servir à classe A: "clientela muito exigente", e admite que aderiu à decisão de grande parte dos novos comerciantes do Pelô: suspendeu o funcionamento da Casa de Engenho na Terça-feira da Benção porque seus frequentadores "não é o público que quer o atingir". Se depender da vontade de Armando de Castro, o povo da Benção vai mesmo ficar sem provar a "morangorossa" servida em sua Casa de Engenho. Será que vai ser sempre assim?



No Largo do Pelourinho ainda se permite estacionamento de carros

"Elitização" prejudica a área

O ideal é que o Pelô funcione 24 horas ininterruptas. Se isso ocorrer, os frequentadores, na medida do possível, vão poder mergulhar no passado (séculos XVII e XVIII caracterizados, sobretudo, na fachada do casario), sem deixar, é claro, de consumir muitas das comodidades do século XX. A sugestão é feita pelo administrador municipal da Regional Centro, Clarindo Silva, um dos ferrenhos defensores do regime "full time" para o funcionamento comercial do Pelourinho restaurado.

Entusiasmado com a idéia, Clarindo, 51 anos, busca adesões de comerciantes da área e acredita na possibilidade de concretizar sua meta. De antemão, adianta que se a medida der certo, vai lutar para implantá-la também na Rua Chile e ao longo de toda a Avenida Sete. A reforma do Centro Histórico é sonho antigo desse coordenador cultural e dono da Cantina da Lua, um espaço aberto às mais diferentes tendências.

Com a experiência de quem há 38 anos "vive e respira" o CHS — tombado em 85 pela UNESCO, como patrimônio da humanidade e considerado o maior conjunto arquitetônico da

América Latina —, Clarindo Silva aponta a necessidade de evitar a "elitização" do Pelô. Para ele, o mais importante é que a área, a exemplo da Cantina da Lua, permaneça como uma espécie de "Nações Unidas" possa congrega gente de todas as tendências, de todas as cores e matizes. Gente das mais diferentes ideologias, de diversos modos de vida.

Clarindo defende suas idéias com muita seriedade, como se estivesse cumprindo um ritual. Não é à toa. Ele — uma figura franzina, de onde emana grande força e vitalidade — tem o privilégio de ter vivenciado três fases dentro do Centro Histórico — alcançou o tempo da pujança e do fausto, quando o local ainda era habitado por famílias tradicionais; depois, assistiu ao processo de esvaziamento e degradação do espaço que foi estigmatizado como "antro de prostituição e marginalidade". Agora, vê, feliz, o Centro Histórico se soerguer com a reforma.

Para que o projeto de restauração do CHS fique perfeito, basta apenas que a comunidade remanescente seja devidamente assistida, concorda Clarindo Silva. Infelizmente, até agora, isso não aconteceu.

Estacionamento não é problema

A medida adotada (de forma providencial) pela prefeitura, proibindo o estacionamento de carros nas ruas Alfredo Brito, João de Deus e Gregório de Mattos, terminou funcionando como contrapropaganda para o Pelô. Sem ter idéia dos locais exatos atingidos pela proibição, muita gente preferiu se recolher e deixar de frequentar o espaço de maneira assídua, como vinha fazendo. Resultado: comerciantes estão se queixando de redução da clientela e, em consequência, redução do consumo.

Tanto o dono do restaurante Casa de Engenho, Armando Oliveira, como a proprietária da Livraria Almeida Freitas, Janete Freitas, apontam uma queda de cerca de 40% no movimento em função do que se tornou a "polêmica da proibição de estacionamento". Consciente da importância de desfazer equívocos, o re-

presentante do governo do estado no Pelourinho, Luciano Fiúza, explica que foram suprimidas apenas 50 vagas de estacionamento na área, em função da proibição da prefeitura. "Isso, absolutamente, não é motivo para que as pessoas deixem de vir ao Pelô", avalia.

Para ajudar a solucionar o problema, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) está instalando os seguintes estacionamentos: no quarteirão 10M, na Rua Inácio Accioli, com capacidade para 80 vagas; atrás dos quarteirões 12 e 14M, no final da Rua Francisco Moniz Barreto, com capacidade para 250 vagas; na Rua Ribeiro dos Santos, subida do Passo (com entrada pela Baixa dos Sapateiros), com capacidade para 28 vagas. A expectativa é que tais estacionamentos estejam instalados em meados de dezembro próximo.

Confira aqui onde estacionar para chegar ao Pelourinho:

Dia e Noite

Largo da Misericórdia
Viaduto da Sé
Rua Chile e transversais
Praça Cairu
Conceição da Praia
Largo do Pelourinho
Pelô Park (no Julião)

Terreiro de Jesus
Largo de São Francisco
Praça Castro Alves
Rua Silva Jardim (Taboão)
Praça Municipal (a partir das 18 horas)

Dia

Vale dos Barris (com microônibus)
Estacionamento da Barroquinha
São Raimundo (com microônibus)
Estacionamento do Mercado de São Miguel (Rua Dr. J.J. Seabra)

Noite

Praça Municipal (além dos incluídos no Dia e Noite).